

Grupo 1

Meninos e meninas são inegavelmente diferentes em termos biológicos, mas a socialização exagera essas diferenças. E isso implica na autorrealização de cada um. O ato de cozinhar, por exemplo. Ainda hoje, as mulheres tendem a fazer mais tarefas de casa do que os homens — elas cozinham e limpam a casa. Mas por que é assim? Será que elas nascem com um gene a mais para cozinhar ou será que, ao longo do tempo, elas foram condicionadas a entender que seu papel é cozinhar? Cheguei a pensar que talvez as mulheres de fato houvessem nascido com o tal gene, mas aí lembrei que os cozinheiros mais famosos do mundo — que recebem o título pomposo de “chef” — são, em sua maioria, homens.

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p. 37.

Grupo 2

Costumava observar minha avó, uma mulher brilhante, e ficava imaginando o que ela poderia ter sido se durante a juventude tivesse tido as mesmas oportunidades que os homens. Hoje, diferente do que acontecia na sua época, há mais oportunidades para as mulheres houve mudanças nas políticas e na lei, que foram muito importantes.

Mas o que realmente conta é a nossa postura, a nossa mentalidade. E se criássemos nossas crianças ressaltando seus talentos, e não seu gênero? E se focássemos em seus interesses, sem considerar gênero?

Conheço uma família que tem um filho e uma filha, com um ano de diferença, ambos alunos brilhantes. Quando o menino está com fome, os pais mandam a garota preparar um macarrão instantâneo para o irmão. Ela não gosta de cozinhar macarrão instantâneo, mas como é menina, tem que obedecer. E se os pais, desde o início, tivessem ensinado ambos os filhos a cozinhar macarrão instantâneo? Aliás, aprender a cozinhar é bom para a vida prática e útil de um menino nunca vi sentido em deixar nas mãos de terceiros uma coisa tão crucial como a capacidade de se nutrir.

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p. 38 a 39.

Grupo 3

Conheço uma mulher que tem o mesmo diploma e o mesmo emprego que o marido. Quando eles chegam em casa do trabalho, a ela cabe a maior parte das tarefas domésticas, como ocorre em muitos casamentos. Mas o que me surpreende é que sempre que ele troca a fralda do bebê ela fica agradecida. Por que ela não se dá conta de que é normal e natural que ele ajude a cuidar do filho?

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p. 39.

Grupo 4

Estou tentando desaprender várias lições que internalizei durante a minha formação, mas às vezes ainda me sinto vulnerável quando me deparo com expectativas de gênero. Na primeira aula de escrita para uma turma de pós-graduação, fiquei apreensiva. Não com o conteúdo do curso, já que estava bem preparada e gosto da matéria. Estava preocupada com o que vestir. Eu queria ser levada a sério. Sabia que, por ser mulher, eu automaticamente teria que demonstrar minha capacidade. E estava com medo de parecer feminina demais, e não ser levada a sério. Queria passar batom e usar uma saia bem feminina, mas desisti da ideia. Escolhi um terninho careta, bem masculino, e feio.

A verdade é que, quando se trata de aparência, nosso paradigma é masculino. Muitos acreditam que quanto menos feminina for a aparência de uma mulher, mais chances ela terá de ser ouvida. Quando um homem vai a uma reunião de negócios, não lhe passa pela cabeça se será levado a sério ou não dependendo da roupa que vestir mas a mulher pondera. Eu não queria ter usado aquele conjunto feioso. Se tivesse a autoconfiança que tenho hoje, meus alunos teriam aproveitado ainda mais minhas aulas. Porque eu estaria mais confortável na minha própria pele e seria mais verdadeira comigo mesma.

Decidi parar de me desculpar por ser feminina. E quero ser respeitada por minha feminilidade. Porque eu mereço. Gosto de política e história, e adoro uma conversa boa, produtiva. Sou feminina. Sou feliz por ser feminina. Gosto de salto alto e de variar os batons. É bom receber elogios, seja de homens, seja de mulheres (cá entre nós, prefiro ser elogiada por mulheres elegantes). Mas com frequência uso roupas que os homens não gostam ou não entendem. Uso essas roupas porque me sinto bem nelas. O olhar masculino, como determinante das escolhas da minha vida, não me interessa.

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015. p. 39 a 42.

Grupo 5

Acho interessante como o mundo começa a inventar papéis de gênero desde cedo. Ontem fui a uma loja infantil para comprar uma roupa para Chizalum. Na seção das meninas, havia umas coisas pálidas espantosas, em tons de rosa desbotado. Não gostei. A seção dos meninos tinha roupas num tom azul forte e vibrante. Como achei que o azul ia ficar lindo em contraste com a pele morena dela - e sai melhor nas fotos -, comprei uma roupinha azul. A moça do caixa me disse que era o presente ideal para um garotinho. Falei que era para uma menininha. Ela fez uma cara horrorizada: "Azul para uma menina?".

Fico imaginando quem foi o gênio do marketing que inventou essa dualidade rosa-azul. Havia também uma seção de "Gênero neutro", com uma infinidade de cinzassem graça. "Gênero neutro" é uma bobagem, porque tem como premissa a ideia do masculino como azul e do feminino como rosa, sendo o "gênero neutro" uma categoria própria. Por que não organizar as roupas infantis por idade e expô-las em todas as cores? Afinal, todos os bebês têm o corpo parecido.

Olhei a seção de brinquedos, também organizada por gênero. Os brinquedos para meninos geralmente são "ativos", pedindo algum tipo de "ação" - trens, carrinhos -, e os brinquedos para meninas geralmente são "passivos", sendo a imensa maioria bonecas. Fiquei impressionada com isso. Eu não tinha percebido ainda como a sociedade começa tão cedo a inventar a ideia do que deve ser um menino e do que deve ser uma menina. Eu gostaria que os brinquedos fossem divididos por tipo, não por gênero.

Referência

Grupo 6

Ensine a ela que "papéis de gênero" são totalmente absurdos. Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa "porque você é menina".

"Porque você é menina" nunca é razão para nada. Jamais.

Lembro que me diziam quando era criança para "varrer direito, como uma menina". O que significava que varrer tinha a ver com ser mulher. Eu preferiria que tivessem dito apenas para "varrer direito, pois assim vai limpar melhor o chão". E preferiria que tivessem dito a mesma coisa para os meus irmãos.

Referência

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. Para educar crianças feministas. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2017.